

Memória e esquecimento: a simbologia da arquitetura para os mortos no espaço cemiterial

Hugo Gomes Blois Filho

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil

hgblois@gmail.com

Resumo:

A relação de preservação da memória pode ser observada através dos elementos da arquitetura cemiterial. Para tanto, utiliza-se imagens da arquitetura dos mausoléus do cemitério São Francisco de Paula, na cidade de Pelotas, RS, Brasil. Foram observados elementos distintos nos túmulos, e dentre eles há algumas recorrências: anjos, catedrais, pessoas, Cristo, obeliscos, piras e a cúpula geodésica. Identificando esses elementos, os mesmos indicam que embora haja variação, sempre aparece expressa a ideia de zelar pelo jazente na sua passagem para morte. E, finalmente, compreende-se a manutenção da cultura e da memória através da arquitetura do espaço cemiterial.

Palavras-chaves: Arquitetura cemiterial; Memória; Cemitério; História.

Abstract:

The relation of memory preservation can be observed through the elements of the cemetery architecture. For that, images of the architecture of the mausoleums of the São Francisco de Paula cemetery, in the city of Pelotas, RS, Brazil, are used. Different elements were observed in the tombs, and among them there are some recurrences: angels, cathedrals, people, Christ, obelisks, pyres and the geodesic dome. Identifying these elements, they indicate that although there is variation, it always expresses the idea of watching over the dead in his passage. And finally, we understand the maintenance of culture and memory through the architecture of the cemetery.

Keywords: Cemeterial architecture; Memory; Cemetery; History.

“Cada dia mais a vida se
aproxima da morte”
Fedro

INTRODUÇÃO

De todas as descobertas e evoluções na área da medicina, até hoje, ainda que muito tenha se feito para estender a vida, nenhum saber foi capaz de evitar a morte. Este tema, sobre o qual tanto se fala, e nunca se esgota, aparece como viés deste ensaio, tendo enfoque sob as representações em torno deste, bem como as simbologias que o envolvem. Embora o tema ainda seja visto como um tabu em nossa cultura ocidental, tanto nesta quanto em outras são celebrados os ritos de passagem,¹ podendo estes assumir caráter diferenciado, chegando a constituir-se em festividades, com a finalidade de reverenciar a partida de um ente que se foi.

A proposta da discussão procura elucidar a relação que se estabelece entre aquele que “se foi” e aquele que “ficou”. Se é verdadeiro que a perda de um ente querido nos obriga na vivência do luto esquecê-lo ou, aceitar sua partida, também é verdade que o processo de memorialização está presente nos ritos de passagem na nossa cultura. Mais especificamente, pode-se falar nos espaços destinados a abrigar os mortos com uma arquitetura que expressa a posição social, podendo ser singela ou suntuosa.

Utiliza-se como corpus de pesquisa as imagens que foram captadas no Cemitério ecumênico São Francisco de Paula, na cidade de Pelotas (RS, Brasil), compondo parte do acervo fotográfico do autor. O cemitério foi fundado na metade do século XIX, e é representativo do maior acervo da arquitetura cemiterial da Região Sul do Estado. Acreditando que a edificação cemiterial resguarda fragmentos importantes da memória e, portanto da história, neste caso em particular é representativa do mais importante período econômico vivido por aquela cidade, o ciclo do charque.

O apogeu econômico calcado na produção do charque transformou a cidade de Pelotas em um expoente da aristocracia gaúcha. O poder econômico tinha também que estar manifesto não só no imponente casario eclético, que circundava a praça Coronel Pedro Osório, a principal da cidade, mas também o local de inumação aquilo que deveria deixar a marca aristocrática, mesmo após a morte.

Serão analisados, a partir da identificação de algumas recorrências, elementos presentes na arquitetura cemiterial, de representatividade no cerimonial da morte, sendo eles: a imagem do anjo; a representatividade das cate-drais; o papel da família; a imagem do Cristo; a simbologia do obelisco e da cúpula geodésica.

¹ Neste texto, faz-se uso deste termo relacionando-o somente ao caráter religioso da morte.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A morte é sempre cercada de mistérios, não conhecemos o outro lado da vida. O que se faz é, em suma, preparar, ou abrir as portas para aquele que está partindo. Os atos cerimoniais fúnebres estão cheios de simbologia, carregados de expressividade. O choro, o lamento, o gemido, a dor pela partida, a reação, muitas vezes exacerbada diante da morte, representam, naquele momento, a não aceitação. Sem dúvida nenhuma esta reação de não aceitação está associada a ausência, a partir daquele momento, do indivíduo, e também a incerteza acerca do que há além da vida.

A morte rompe uma relação de presença entre os indivíduos, em nossa cultura ocidental e predominantemente Católica acredita-se, e confia-se, na possibilidade de um reencontro em uma vida após a morte. Em busca de preparar esse encontro e rememorar o falecido, a arquitetura cemiterial ocupa-se de dignificar a memória daquele que se foi através de cultos a memória em homenagens póstumas também presentes nas sepulturas. Entende-se a presença das sepulturas como uma forma de preservar a lembrança dos mortos, e também de atestar sua existência. O autor Gagnebin, em seu texto “Verdade e memória do passado” considera que:

É ausência radical de sepultura é o avesso concreto de uma outra ausência, aquela da palavra. (...) eles deveriam se tornar duplamente inenarráveis: inenarráveis porque nada que pudesse lembrar sua existência subexistiria e porque, assim, a credibilidade dos sobreviventes seria nula (Gagnebin, 2006: 46).

Observa-se assim a relação de permanência que o espaço cemiterial, com suas tumbas, garante à memória dos indivíduos que já morreram.

É a relação de lembrança e esquecimento que envolve os indivíduos protagonistas desses acontecimentos a qual cabe às edificações cemiteriais contemplar, embora muito tenha mudado nos cerimoniais fúnebres, fora os túmulos que, ao longo do tempo, garantiram a conservação da memória dos indivíduos. Os túmulos, juntamente com os epitáfios presentes neles, representam o altar de culto a memória, o significado e a expressividade presentes na arquitetura cemiterial diferenciam-se em cada túmulo ou mausoléu. Ainda, o autor Gagnebin, a respeito dessas edificações cemiteriais considera:

Túmulo e palavra se revezam nesse trabalho de memória que, justamente por se fundar na luta contra o esquecimento, é também o reconhecimento implícito da força deste último: o reconhecimento do poder da morte. O fato da palavra grega *sēma* significar, ao mesmo tempo, túmulo e signo é um in-

dício evidente de que todo o trabalho de pesquisa simbólica e de criação de significação é também um trabalho de luto. E que as inscrições funerárias estejam entre os primeiros rastros de signos escritos confirma-nos, igualmente, quão inseparáveis são memória, escrita e morte (Gagnebin, 2006: 45).

A representação dos elementos esculturais, na campa cemiterial, além de conferir o caráter de memorial a este espaço, como considerou o autor supracitado, também pode indicar o desejo dos entes queridos daquele que ali jaz em relação a sua vida *post mortem*.

Esses elementos estão expressos nas imagens de anjos (Figuras 1, 2 e 3), dispostos de forma cuidadosa sob a catacumba, referenciando imagetivamente e simbolicamente a presença destes zelando pelo finado. Este zelo pelo falecido é expressado na figura angelical como aquela que anunciará ao reino dos céus a chegada de mais uma alma. Simbolicamente referencia a anunciação.

Enquanto os anjos aparecem nos túmulos como figuras representativas da anunciação, a reprodução de uma catedral (Figuras 4, 5 e 6) expressa a ideia do jazente estar sob a guarda de um templo religioso. Estar ao abrigo do espaço religioso perpassa a ideia de que o indivíduo purificado está agora apto a se incorporar o conjunto de almas celestiais.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7

Também, sob a perspectiva de quem observa, e rememora a partida de um ente querido, o túmulo garante, não só um espaço de perpetuação da memória do indivíduo que partiu, mas também a perpetuação de suas crenças. Assim, sua identidade mantém-se preservada em certo sentido. Conforme pondera Assmann:

Os estudos do historiador francês Pierre Nora demonstram que por trás da memória coletiva não há alma coletiva nem espírito coletivo algum, mas tão somente a sociedade com seus signos e símbolos. *Por meio dos símbolos em comum o indivíduo toma parte de uma memória e de uma identidade tidas em comum* (Assmann, 2011: 145, grifo nosso).

Além disso a reprodução em escala reduzida de uma catedral gótica relembra a intencionalidade de tocar aos céus, através do arco ogival apoiado em pilastras e feixes de colunas, expressando uma arquitetura pura e leve também evidente nas rosáceas que significam a transparência do templo. Desta forma, podemos inferir que a pureza do espírito daquele que ali jaz está também evocada na arquitetura cemiterial destinada ao seu descanso eterno.

Com a morte, rompe-se o laço mais estreito entre pessoas – o laço afetivo/familiar. O amor dos mortais passa a ser percebido através característica de imortalidade a partir desse evento. Assim a unicidade familiar, então rompida, deixa a família enlutada. O viúvo que chora, e o órfão, além da tristeza profunda do filho de pais ausentes, a ausência da possibilidade do convívio familiar. É nesse momento em que o luto se faz presente como forma de rememoração, sendo um momento transitório necessário para a aceitação. De acordo com Freud por Gagnebin, “o luto é quando o mundo se torna vazio e a melancolia é o próprio eu que se esvazia”. Tendo para Freud a peerlabo-

ração como um processo de reelaboração da dor do luto, uma vez que esse processo é de suma importância para a superação desta dor.

Além disso, é importante que o luto seja um momento transitório, e ainda que a memória daquele que jaz se mantenha preservada, conforme considera Nietzsche “há um esquecer natural necessário a vida”. E, para tanto, é importante a preservação desse espaço, com os túmulos, destinado à essa memorialização, que tornam o espaço cemiterial o lugar próprio dessa lembrança.

O despojamento dos elementos arquitetônicos quer evidenciar que acima da arquitetura está o elemento imagético representado nas esculturas humanas (Figuras 7, 8, 9 e 10) que simbolizam o rompimento do laço familiar, em um modelo de núcleo familiar da cultura ocidental expresso na mãe, no pai e no filho.

A imagem de Cristo (Figuras 11 e 12), Aquele que é considerado como médico supremo da alma e do corpo, também colocada no topo da câmara mortuária referencia a memória daquele que ali descansa como sendo um cristão. A presença de Cristo, sob o mausoléu, assim como a do anjo representa a anunciação indicando a existência de uma vida após a morte, tendo em vista que “Cristo ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, conforme as escrituras”. Novamente, é reforçada a certeza de que não há outro caminho a ser seguido pelo jazente, a não ser o caminho dos céus. O cristão, ungido no leito de morte pelo sacramento da extrema unção, estará assegurando sua morada eterna, ascendendo ao reino dos céus, embora esta fisicamente seja representada no sepulcro.

Outra forma de monumento, presente nos túmulos é o obelisco (Figura 13), o termo vem do grego *obeliskos* e significa “pilar”, “apontar”. Na cultura egípcia significava o desejo de perfurar as nuvens, dissipando toda a negatividade possível. A peça verticalmente alongada, que anteriormente era monolítica, pode ser caracterizada com base quadrangular, podendo ser o corpo ou tronco piramidal.



Figura 8



Figura 9



Figura 10

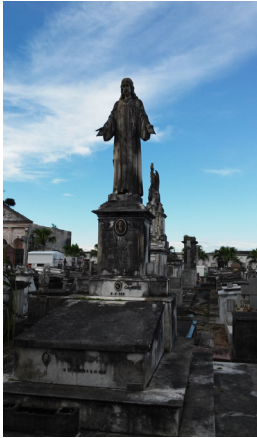


Figura 11

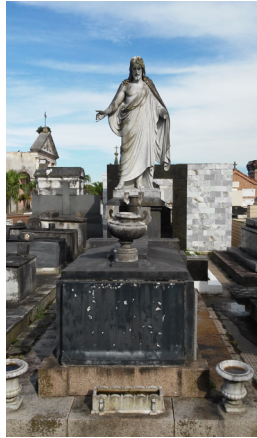


Figura 12



Figura 13

O elemento presente no espaço cemiterial caracteriza o desapego à vida cristã denotando, ou expressando apenas um marco referencial do indivíduo ali sepultado. A inexistência de elementos simbólicos da cultura cristã indica que, naquele sepulcro jaz alguém agnóstico. Embora o obelisco não seja representativo da cultura cristã, é possível depreender, a partir de seu significado na antiguidade, que o indivíduo ali enterrado aspira algum tipo de ascensão. Apesar de sua descrença na vida eterna, está presente simbolicamente no monumento, a ideia de que a verticalidade é também uma tentativa de tocar ao céu. Além da representatividade simbólica carregada pela imagem do obelisco, este também pode servir de apoio para outros tipos de monumentos cemiteriais, como o busto, ou a pira.

O busto (Figura 14) trata-se de uma forma de memorialização mais fidedigna, que remete diretamente àquele que ali jaz no sepulcro. Também nos remete, por estar acima de um obelisco, a aspiração daquele que partiu de ascensão aos céus. Por sua vez, a pira incandescente acima do obelisco (Figuras 15 e 16) simboliza a eternidade como uma aspiração e também, a possibilidade de que o fogo ali representado possa indicar a luz, o caminho claro a ser seguido, a abertura de portas, a marcação, o calor diante da morte. Na cultura cristã, o fogo pode representar tanto aspectos negativos –o inferno, a alma possuidora de pecados que queima–, no entanto, no texto bíblico, Deus também é representado em algumas passagens como o fogo, o fogo que zela, que aquece e ilumina.

Finalmente, a última recorrência analisada é o sepulcro de base circular encimado por uma cúpula geodésica (Figura 17), o túmulo reproduz uma forma estrutural autoportante que indica o desejo de chegar a perfeição da forma.



Figura 14

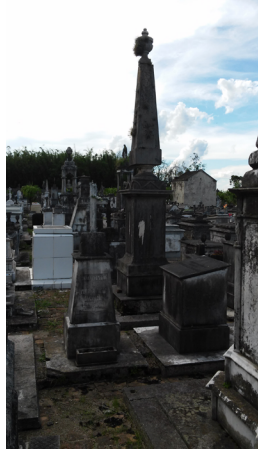


Figura 15



Figura 16

A referência à calota terrestre representada no domo geodésico remete-nos a proteção e abrigo, indicando que aquele que ali jaz está resguardado de forma segura para, enfim, ter seu descanso eterno. É possível depreender dessa forma arquitetônica a tentativa de abrigar o falecido em uma estrutura tão perfeita que se aproxime da perfeição do reino dos céus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, os estudos apresentados neste artigo são indicativos de que a morte não apenas significa a extinção da vida. O culto a ela está cercado de símbolos e signos, cada cultura e cada povo expressa sua dor com o afastamento, pela morte, do ente querido de diferentes maneiras. Na nossa cultura, o espaço cemiterial está repleto de elementos fragmentados da história, há uma parte da história que poderia ser considerada aquela representativa do jazente, dos mortos. Por outro lado, há aquela que cabe aos que ficaram, serem os verdadeiros guardiões da memória do ente querido e representa-lo, nas pompas fúnebres, no ataúde, no epitáfio e no mausoléu. O conjunto desses elementos é a confirmação de que é possível preservar a memória histórica presente no espaço do cemitério.



Figura 17

Os elementos imagéticos presente no estatuário simbolizam o desejo expresso em vida pelo finado ou o desejo daqueles que conservam sua memória. Neles é possível observar referências ao rito de passagem que expressam a ânsia de que o ente querido, se cristão, atinja o reino do céu; e aos agnósticos, garante que o culto a sua memória seja mantido pela presença do seu altar de sepultamento. Elementos como a imagem de Jesus Cristo, figuras angelicais, piras, cúpulas, catedrais em escala reduzida são largamente dispostos sobre as tumbas reforçando a ideia e a certeza de que a família enlutada deseja uma vida pós morte que o aproxime do reino do criador.

O pesar pela perda diante da partida passa a ser amenizado pelo altar de culto que, simbolicamente, aproxima aquele que “ficou” daquele que “partiu”. Os mausoléus com seus epitáfios e suas alegorias representadas pelos elementos estatuários, enfim, o espaço cemiterial, está repleto de símbolos caracterizadores que expressam o rito de passagem, vida/morte, e carregam em si parte daquilo que se poderia caracterizar como a história/memória dos mortos. Assim esse espaço pode ser, além de um lugar sagrado, também considerado como um espaço de conservação e manutenção da história, tanto individual quanto coletiva.

A ritualística que envolve a morte, desde o ataúde às pompas fúnebres, o velório, o cortejo, as lágrimas, a dor, a solidão diante da partida, o pesar, a comiseração, o enterramento, o mausoléu e a certeza de uma outra vida se expressam na simbologia do rito de passagem vida/morte. A arquitetura presente no espaço cemiterial representa todo o conjunto de elementos significativos que fazem parte da nossa cultura. No entanto, conforme considera Farge, “as práticas, os ritos, as crenças me torno da morte, não impedem de maneira alguma o sentimento de arranchamento” (Farge, 2011: 16). Assim denota-se que, embora imprescindível para a manutenção da memória, todos esses elementos analisados não diminuem o impacto da morte diante da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Aleida (2011): *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, Campinas, Editora da Unicamp.
- FARGE, Arlete (2011): *Do sofrimento*, Belo Horizonte, Autentica.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie (2006): *Lembrar, escrever, esquecer*, São Paulo, Editora 34.
- HUYSEN, Andreas (2014): *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*, Rio de Janeiro, Contraponto.